

# CAUSOS do IBAMA



# Causos do IBAMA

Comissão Editorial (Org.)

Setembro, 2024



Portaria de Pessoal nº 2140, de 05 de setembro de 2023 Institui Grupo de Trabalho – GT, no âmbito do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis-Ibama, para desenvolver ações e atividades relacionadas ao aniversário de 35 anos de criação do Ibama.

SELETIVA NACIONAL DE CAUSOS DO IBAMA “IBAMA - 35 ANOS” EDITAL Nº 9/2024 - GABIN

**Presidência da República**

Luis Inácio Lula da Silva

**Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima**

Marina Osmarina Silva

**Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis**

Rodrigo Antonio de Agostinho Mendonça

**Diretoria de Licenciamento Ambiental**

Claudia Jeanne da Silva Barros

**Assessoria de Comunicação do Ibama**

Daiane Cortes Cazarré

**Serviço de Apoio à Comunicação Institucional**

Maria Helena Pereira Sant'Anna Filha

# Produção Editorial

## **Comissão Editorial**

Aline Fonseca Carvalho - Diretoria de Licenciamento Ambiental (Dilic)

Elisa Marie Sette Silva - Centro Nacional de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais (Prevfogo)

Jady da Silva Nepomuceno - Prevfogo

Marília Serena Sotero Porto - Assessoria de Comunicação Social (Ascom)

## **Capa**

Ascom Ibama 2024

## **Revisão Crítica**

Aline Fonseca Carvalho - Dilic

Elisa Marie Sette Silva - Prevfogo

Jady da Silva Nepomuceno - Prevfogo

Marília Serena Sotero Porto - Ascom

William Fernandes Pereira - Ascom

## **Revisão Técnica**

Ascom Ibama 2024

## **Diagramação**

Aline Fonseca Carvalho - Dilic

# Índice

Apresentação	8
Prefácio	9
Causo, nada engraçado, de uma operação do Ibama no estado do Pará, em 2006 <i>Antonio Augusto Aguiar Ferreir - DGAM/Ouvidoria</i>	10
Com os sotaques dos fiscais não se brinca <i>Gutemberg Machado Mascarenhas - Cgema/Dipro</i>	13
Abordagem cearense <i>André Pereira do Couto - Coaer/Dipro</i>	14
Um caso de rio <i>André Nogueira Junior - Seam/Gerex de Santarém/ Supes/PA</i>	16
Treinamento na Supes/AL <i>Carla Maria Sereno Neves - Conof/CGFis/Dipro</i>	18
Operação Maracauã/2001 <i>Ronaldo Arruda da Silva - Nufis/Ditec/Supes/PE</i>	19
Comportamento de eternidade <i>Cecília Jesus de Menezes - Nufau/Cofisbio/CGfis/Dipro</i>	21
Guma <i>Lazlo Macedo de Carvalho - UT de Santos/Supes/SP</i>	22
O coração das viagens embarcadas <i>Cristina Isis Buck Silva - Nubio/ Ditec/Supes/AM</i>	24
Palimiu e os Tyhy <i>Hugo Ferreira Netto Loss - Cofis/GGFis/Dipro</i>	26
Surpresa de Natal <i>Emília Goulart de Oliveira Ramos - Supes/MG</i>	
1001 estórias ou histórias? <i>José Geraldo Brandão - NLA/Ditec/Supes/ES</i>	28

E o rio mudou <i>Mayk Ferreira de Almeida - Nufis/Ditec/ Supes/PA</i>	30
O policial jogador <i>Daniel Reis Dantas Silva - Supes/BA</i>	31
Seu Isaías <i>Marcus Vinicius Lemos de Brito - Seoef/CGFis/Dipro</i>	32
A tartaruga do padre <i>Pedro de Paula Emerich - Seoef/CGFis/Dipro</i>	34
O futuro perdido no garimpo ilegal <i>Felipe Ramos Nabuco de Araujo - Codut/Cglin/Dilic</i> <i>Joaquim Parimé - Supes/RR</i>	36
O Tapa do Apapá <i>Sara Quizia Corrêa Mota - DBflo</i>	37
Rio acima <i>Pedro de Paula Emerich - Seoef/CGFis/Dipro</i>	38
Ínfima capacidade <i>Francisco Joeliton dos Santos Bezerra - Cobio/CGFau/DBFlo</i>	40
Operação TI - Terra Indígena/2013 <i>Ronaldo Arruda da Silva - Supes/PE</i>	41
O caso de como uma onça virou beija-flor <i>Matilde Maria de Melo - NEA/Cenima</i>	42
Cômico, se não fosse trágico <i>Anderson de Paula Guizolfe - Ditec/Supes/RO</i>	44
Surucucu, pai de tartarugas e uma jornalista no fogo <i>Daiane Cortes Cazarré - Ascom</i>	45
O ator principal <i>Cristina Isis Buck Silva - Nubio/ Ditec/Supes/AM</i>	50
Naufrágio na ida e voo clandestino na volta <i>Govinda Terra - Dipro</i>	51
Éramos iguais <i>Roser Keiti Matsubara - UT de Vilhena/Supes/RO</i>	53





# Apresentação

Quem conta um caso oferece ao leitor a possibilidade de mergulhar em uma realidade única, pois somente quem viveu a experiência pode senti-la em sua completude. No entanto, o leitor pode captar um pouco do frescor desses sentimentos com a leitura.

Esta é a proposta deste livro de Casos dos 35 anos do Ibama: permitir que cada leitor sinta um pouco a realidade vivida pelos servidores em seu trabalho diário.

Aqui, encontram-se relatos diversos que nos convidam a experimentar momentos de aventuras, rir com comédias da vida real, sentir a emoção de explorar lugares distantes fiscalizados por aqueles que percorrem os rincões do país e emocionar-se com histórias de pessoas que se dedicam de corpo e alma à proteção de nossa rica biodiversidade.

Uma mistura de emoções que revela que o trabalho dos servidores e servidoras do Ibama vai muito além de licenciar, proteger e fiscalizar. Trata-se de um trabalho nobre que permite vivenciar as diferentes realidades do nosso país, com todo o seu brilho, suor, dores e alegrias.

Entre muitos contos que compõem este livro, um se destaca não pela aventura ou pela alegria, mas pela tristeza de perder um de nós, que, no desempenho de sua função, sofreu um infortúnio. O servidor Júlio Marcos Kojima estava em missão e, por isso, merece nosso reconhecimento. Que sua história renove em cada um de nós a nossa missão diária: conservar nossa biodiversidade, proteger a vida ao nosso redor e possibilitar que as próximas gerações possam dela viver.

Assim, convidamos vocês a embarcar nesta aventura e sentir um pouco o que tantos servidores e servidoras vivenciaram. É um convite à aventura de ser parte do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, servindo à vida e ao viver.

Boa leitura!

Comissão editorial

# Prefácio

Entrar nas histórias contadas aqui é como embarcar em uma aventura única, em que a natureza e o ser humano se encontram em suas formas mais genuínas e intensas. Neste livro, cada relato é uma janela aberta para o cotidiano de quem se dedica à proteção ambiental no Brasil, uma missão que vai muito além do que a maioria das pessoas pode imaginar.

As narrativas revelam as realidades enfrentadas nas operações de campo, nas quais servidores cruzam rios, percorrem estradas esburacadas, montam acampamentos no coração da floresta e enfrentam as adversidades e os perigos mais inesperados. Porém, são também histórias que falam de solidariedade, da ajuda mútua entre comunidades indígenas, ribeirinhos e agentes do Estado brasileiro, unidos por uma causa comum.

Aqui, o leitor é convidado a sentir o calor das chamas combatidas por brigadistas, a tensão de missões prolongadas e a esperança que surge a cada vitória, na destruição de um garimpo ilegal ou no resgate de um animal em risco. Entretanto, nem só de tensão e desafios vive este livro; há espaço também para o humor e para o inusitado, em histórias que mostram o lado mais humano e descontraído desses heróis anônimos.

O Ibama, em seus anos de existência, acumulou uma vasta coleção de histórias que merecem ser contadas. Este livro, fruto da Seletiva Nacional de Causos do Ibama – Ibama 35 anos, é uma homenagem a todos aqueles que, com coragem e determinação, escrevem diariamente novas páginas na defesa do meio ambiente. Que essas histórias inspirem e motivem todos os que se preocupam com o futuro do nosso planeta.

Ascom Ibama 2024

# Causo, nada engraçado, de uma operação do Ibama no estado do Pará, em 2006

Antonio Augusto Aguiar Ferreira, Div. de Gestão e Acompanhamento de Manifestações

O Ibama do Pará recebeu uma denúncia de exploração irregular de madeira em áreas públicas federais na região de Anapu/PA. Logo, o Ibama de Marabá mobilizou uma operação composta de oito viaturas, com dois servidores do Ibama e dois agentes de segurança em cada veículo, totalizando 24 agentes públicos a serviço da instituição.

Saíram de Marabá em 29 de agosto de 2006, e seguiram a viagem com destino a Anapu, onde iniciariam os trabalhos de fiscalização ambiental, conforme a denúncia recebida. Pararam para almoçar ao longo do caminho, na Rodovia PA-150, e depois seguiram a viagem. Entretanto, na altura do km 163 da Rodovia PA-150, entre os municípios de Goianésia e Jacundá, ocorreu um acidente: uma das viaturas do Ibama colidiu na traseira de uma carreta grande, lotada de toras de madeira, que surgiu repentinamente na rodovia, saindo de uma estrada vicinal.

Nesse acidente, faleceu o analista ambiental do Ibama Júlio Marcos Kojima, um dos agentes de segurança perdeu um braço, e outros dois tiveram ferimentos leves. Eu estava na Gerência Executiva do Ibama em Marabá, e logo recebemos essa triste notícia. Então, nos mobilizamos para resgatar o corpo do servidor e assegurar os atendimentos médicos aos agentes feridos. O servidor falecido era de São Paulo, tinha 31 anos, solteiro e estava no Ibama há 10 meses, proveniente do concurso do Ibama de 2005.

O agente de segurança que ficou gravemente ferido foi levado para Tucuruí PA e logo foi transferido para Belém/PA, por meio de uma aeronave das Forças Armadas, pois o Hospital de Tucuruí não possuía estrutura para realizar o tratamento necessário para salvar o agente, que corria risco de morte por hemorragia. Em Belém, recebeu o tratamento médico e teve o seu braço amputado.

Devido a esse acontecimento trágico, a operação foi interrompida por uma semana. Nesse período de luto, foi planejada uma operação mais robusta para continuidade das ações, com cerca de 80 agentes públicos, sendo 30 servidores do Ibama e 50 agentes de segurança, com apoio de 20 viaturas e um helicóptero do Ibama.

Partiram de Marabá novamente, dessa vez eu fui junto para agregar os esforços do grupo altamente qualificado, pois estavam presentes fiscais do Ibama experientes e agentes de segurança determinados a trabalhar em conjunto e obter êxito na operação. Era início de setembro, no auge da seca, e quando seguíamos pela BR-230, a Transamazônica, em direção a Anapu, nos deparávamos com caminhões, carretas e com poeira excessiva, em nível crítico de visibilidade. Logo aconteceu mais um acidente, com perda total de uma viatura do Ibama, que caiu dentro de uma voçoroca durante a ultrapassagem de uma carreta. Por sorte, os 4 agentes saíram ilesos e ainda participaram da ação do Ibama na região de Anapu.

Enfim, chegamos em Anapu e, lá, nos hospedamos em dois hotéis. A população ficou curiosa e apreensiva, haja vista que quase todos desenvolviam atividades ligadas à exploração e ao processamento de madeira nativa extraída da Floresta Amazônica.

No dia seguinte, aconteceu uma grande manifestação de assentados rurais da região, que reivindicavam autorização especial para supressão de vegetação ou uso alternativo de solo, para fins de produção agrícola de subsistência e implantação de infraestrutura mínima essencial à sobrevivência das famílias, de acordo com legislação vigente na época. Assim, os manifestantes fecharam o acesso de Anapu ao Sul, sentido Tucuruí, na única ponte sob o rio Anapu e, dessa forma, nenhum veículo entrava ou saía por essa rota. Para executarmos a operação, teríamos que passar por essa ponte. Logo, um grupo formado por agentes do Ibama e seguranças foi de helicóptero procurar o local da denúncia, pois tínhamos as coordenadas do ponto de apoio dos infratores ou exploradores ilegais de madeira no interior da floresta.

Enquanto isso, com a impossibilidade de deslocamento do restante do grupo, foram realizadas fiscalizações nas serrarias da cidade. Todas as que eram irregulares foram embargadas, com isso, os proprietários desses empreendimentos dispensaram os funcionários e, assim, o “clima ficou quente”, visto que os moradores envolvidos em atividades madeireiras se revoltaram, com ameaças de queimar as viaturas e o helicóptero do Ibama.

A esplanada, contendo madeiras em toras empilhadas no interior da floresta, foi localizada nas margens do Rio Tuerê, em um local conhecido como Terra da Paz, na região de Anapu. Todavia, era necessário ir o restante do grupo. Neste momento, os manifestantes, acrescidos pelos envolvidos em atividades madeireiras e caminhoneiros impedidos de seguirem viagem sentido Sul, fecharam o acesso da cidade ao Norte, sentido Altamira/PA. Desse modo, estávamos sem saída para irmos ao encontro dos agentes que já se encontravam no local de armazenamento de madeiras extraídas ilegalmente de terras públicas.

Entretanto, encontramos uma saída por uma ponte sobre o rio Anapu, bem rústica, com estrutura de madeira ancorada em cabos de aço, a qual balançava muito na travessia de veículos. Nesse ponto, em frente à ponte, os manifestantes tinham colocado uma tora enorme, com cerca de dois metros de diâmetro, obstruindo a passagem.

Sendo assim, mobilizamos uma saída rápida, logo de manhã, em direção a essa ponte. Com apoio das estruturas de guinchos das viaturas, a tora foi removida e as 20 viaturas atravessaram o rio Anapu nessa ponte, que balançou muito, mas não caiu.

Uma vez que havíamos atravessado o rio, descobrimos uma estradinha de terra bem ruim que dava acesso à rodovia BR-230, no sentido que precisávamos ir para adentrar na estrada vicinal em direção ao local da denúncia e, assim, agregamos ao grupo que havia ido de helicóptero.

Chegamos e acampamos ao lado da base dos exploradores ilegais, que já tinha sido evacuada, em razão do atraso ocasionado pelo fechamento das vias de acesso a Anapu. Assim, com a equipe completa, as ações de fiscalização continuaram na floresta ao lado do rio Tuerê.

Foi encontrada a esplanada com muitas toras empilhadas, com predominância de jatobá, ipê e maçaranduba, dentre outras espécies. Toda a madeira foi mensurada e registrada em relatório de campo, totalizando cerca de 20 mil metros cúbicos. No local foi deixada uma balsa, que provavelmente transportava a madeira explorada ilegalmente para Portel/PA e depois seguia para Belém/PA. No entorno da esplanada ainda foram encontrados dois tratores carregadores escondidos. Não foram encontrados os autores dessa atividade ilegal.

Durante a permanência no acampamento, que ficava cerca de 70 km de Anapu, dormíamos

em redes e fazíamos a comida em cozinha improvisada, com a colaboração dos agentes. Após uma semana acampados para realização dos trabalhos de mensuração de madeira e busca ostensiva na floresta por mais madeira cortada e/ou equipamentos e máquinas escondidos, foi providenciada uma guarda composta por agentes públicos para proteção dos itens apreendidos.

Assim, concluímos com êxito essa fase da operação naquele momento e juntos rezamos o Pai Nosso antes de retornar para Anapu, em agradecimento, bem como em homenagem ao servidor do Ibama falecido.



Nota do autor: Toda a madeira apreendida foi doada ao Exército Brasileiro para construção de pontes e outras infraestruturas de madeira na região Norte, no estado do Pará.

# Com os sotaques dos fiscais não se brinca

Gutemberg Machado Mascarenhas, Coord.-Geral de Emergências Ambientais

Por volta do ano de 2010, as equipes da Coordenação-Geral de Emergências Ambientais (Cgema) e da Superintendência do Ibama na Paraíba (Supes/PB) estavam realizando uma ação fiscalizatória em uma rodovia federal na cidade de Campina Grande. Foram abordando todos os tipos de veículos para identificação de possíveis irregularidades ambientais durante a madrugada. Por incrível que pareça, fazia um frio “retado”, logo na Paraíba.

Em determinado momento, o agente ambiental federal, ou fiscal do Ibama, da Unidade Técnica em Souza, vulgo Batoré, abordou um caminhão lonado com características suspeitas, pois a região era rota de transporte de carvão vegetal de origem nativa.

Nada foi apresentado pelo condutor, nenhum documento fiscal da carga. O colega fiscal, com o seu sotaque arrastado, tipicamente paraibano – pelo qual tanto tenho apreço, uma vez que minha família é toda de origem nordestina – após perceber a suposta irregularidade da carga, perguntou ao motorista: “Êêêiiii, vai levando um caivãozinho aêêêê, ééééé?”

O motorista, já suspeitando que não ia dar bom para ele e tentando desviar o foco do fiscal, respondeu: “Senhor, ‘caivãozinho’ nããããã. O certo é CARVÃO!”

Batoré, com sua vasta experiência em fiscalizações, sabido como era, prontamente respondeu ao motorista: “Pra mim tanto faz, caivãozinho ou CARVÃO, o que eu sei é que você vai levar um auto de INFRAÇÃO!”

Ótima rima, que deixou o motorista desconcertado. A carga de carvão nativo sem Documento de Origem Florestal (DOF) foi apreendida, e o motorista sabichão foi multado.

Moral da história: Com os sotaques dos fiscais do Ibama não se brinca.

# Abordagem cearense

André Pereira do Couto, Coord. de Operações Aéreas

Em uma operação de fiscalização em Novo Progresso/PA, no ano de 2009, saí para um voo de monitoramento na Floresta Nacional (Flona) do Jamanxim, acompanhado de um policial do Batalhão Ambiental da Polícia Militar do estado do Pará e do maior agente ambiental federal do estado do Ceará, o grande Franzé, figura ímpar e um grande companheiro de trabalho.

Durante o sobrevoo, foi flagrado um trator se movimentando em um dos ramais que cortavam a Flona e, de imediato, foi solicitado ao comandante da aeronave que pousasse o mais próximo possível, para que fizéssemos os procedimentos cabíveis. Assim que a aeronave pousou, fomos ao encontro do trator, o qual fora abandonado por seu condutor. Porém, ao chegarmos, começamos a ouvir uma motosserra trabalhando dentro do mato e o policial disse que, pelo som, ela não estava longe. Nisso, Franzé, empolgado como era, disse de primeira:

“Vamos pegar esses ‘felas’!”

Adentramos a mata seguindo o som da motosserra, dispostos a pegar os desmatadores no flagra, numa fila indiana em que o policial era a ponta, o Franzé ia no meio, já que ele não portava arma de fogo, e eu ia por último, fazendo a segurança da retaguarda.

Após uns cinco minutos do início da busca pelos infratores, a motosserra parou, mas continuamos o trajeto, confiando que o policial, por ser do Batalhão Ambiental, sabia andar em mata fechada. Nos deparamos com um tronco caído na trilha, o reencontramos após uns 10 minutos de caminhada e o vimos novamente após uns 30 minutos. Nessa hora pensei: “danou-se! Estamos perdidos”. Então, o policial tirou seu quepe, coçou a cabeça e nos disse: “é, estamos perdidos...”

De imediato, Franzé nos disse: “vamos manter a calma! Ainda é cedo e temos o dia todo para sair daqui”. Assim fizemos, mantivemos a calma e primeiro tentamos fazer um trackback com o aparelho de GPS que tínhamos em mãos, mas a mata era muito fechada e não pegava o sinal dos satélites; depois tentamos fazer contato via rádio com o helicóptero, mas também não tivemos êxito. O Franzé, para elevar o moral da equipe, repetia o seu mantra: “vamos manter a calma”.

Daí a pouco, a motosserra voltou a funcionar, e todos nós exclamamos: “A motosserra está à nossa direita!”. Fomos rasgando a mata, passando por dentro de emaranhados de cipós espinhentos, pisando em formigueiros, caindo dentro de riachos e até levando picadas de marimbondos, mas empenhados em achar a saída daquele labirinto verde, sendo guiados pelo som estridente da motosserra.

Depois de muito caminhar, além da motosserra, começamos a ouvir o som de um trator, que puxava as toras cortadas para uma esplanada e, ao chegar no local, nos mantivemos escondidos e traçamos um plano, em que o policial abordaria o tratorista, eu abordaria o operador da motosserra e o Franzé ficaria aguardando até a situação estar dominada.

Assim fizemos, o policial foi ao trator e eu cheguei por trás do operador da motosserra, o qual não ouviu a minha chegada por causa do barulho e levou um belo susto ao perceber a

minha presença depois que eu joguei um coquinho de tucumã nas suas costas, para evitar chegar muito perto e correr o risco de um acidente com a motosserra.

Iniciada a abordagem, fiz uma revista no operador da motosserra e iniciei a entrevista, perguntando quantas pessoas tinham naquela esplanada, para quem eles trabalhavam, etc. Ao mesmo tempo, o policial abordava o tratorista, que desligou a máquina, e o silêncio imperou na mata. Só se ouvia os insetos e o canto dos capitães-do-mato. Quando eu estava próximo de conduzir o operador da motosserra para próximo do trator e assim regressarmos ao helicóptero, um grito enfurecido ecoa pela na mata:

“Seus felas da p..., vocês estão destruindo a floresta!”

Era o Franzé, furioso, com os olhos faiscantes, brandindo um facão em uma mão (não me perguntem onde ele o achou, pois ele não estava com um no início da história) e na outra segurando sua pastinha de trabalho, correndo em direção ao infrator, tal qual um guerreiro medieval, portando sua espada e escudo e avançando contra uma horda de invasores.

Diante daquele ato de ira, eu e o infrator ficamos atônitos com o avanço do nosso templário ambiental, que continuava na sua carreira e ao disparo de impropérios; quando, bem próximo ao seu objetivo, havia um cipó no seu caminho e este enroscou em suas pernas, levando o nosso nobre guerreiro ao solo e a deslizar até próximo aos nossos pés.

Notoriamente abatido com o revés sofrido, Franzé bateu a poeira da sua roupa, virou-se para mim e disse com a cara mais séria do mundo: “essa é a técnica de abordagem cearense...”

Eu e o infrator caímos na gargalhada, daquelas que chega a doer o abdômen. Ao ver que estávamos rindo da situação, Franzé, muito revoltado, começou a brigar com o infrator, dizendo que ele tinha de respeitar a autoridade ou iria preso; e eu ali no meio, chorando de rir e apaziguando a confusão que estava prestes a se formar.

Depois de tudo isso, fomos de carona no trator até o helicóptero, cuja tripulação já estava desesperada com nosso sumiço. Realizamos os procedimentos necessários e regressamos para a base, exaustos e famintos, mas com um grande aprendizado para as próximas operações de fiscalização: a fabulosa técnica de abordagem cearense.



# Um caso de rio

André Nogueira Junior, Serviço de Apoio Ambiental (Santarém-PA)

Curioso chiste proposto por Hemingway, uma história de apenas seis palavras jamais será capaz de expor detalhes de um acontecido igual gostaria de narrar. Impossível lembrar deste caso sem a imagem do cor-de-rosa saltando, de corpo inteiro, para fora do rio em frente à bajara da pescadora no interior da Reserva Extrativista, como quem anuncia conhecer quão perplexos podemos ficar com ato tão simples.

Naquele paraíso natural, a água parecia um convite a todos aqueles que não aguentam recusá-los. Depois de desfrutar das águas Tapajós e do Xingu, aquele igarapé interiorano transmitia satisfação, a mesma que seria visível no rosto daquele jacaretinga do lado do barco se ele tivesse rosto ou transmitisse sentimentos.

Não se pode fazer algo como pular do barco em direção à refrescância sem, antes, calcular o retorno. Prudentemente, a análise foi realizada: o casco e o calado, claramente, eram baixos o suficiente para possibilitar uma volta. Seria irresponsável adentrar as águas sem o conhecimento desta possibilidade - ou pelo menos, a sensação dela, claro -.

Bastaram os primeiros minutos de sensação deliciosa daquela água gelada (que não deveria estar tão gelada assim) para que, quando o grupo de fiscais que saiu em missão naquele dia (por uma limitação física da única voadeira disponível) retornou em busca de algum item que fora esquecido, todas as certezas se estraçalhassem no leito lamoso do igarapé. O esquecimento do item foi ofuscado pela graça da situação que se seguiu.

Aquele calado baixo do barco? Ilusão! De baixo para cima, ficava claro que a subida de volta ao convés seria árdua.

O retorno ao barco era difícilimo.

Ridículo.

A equipe, aos risos, não testemunhou todo o movimento necessário para o retorno à madeira firme (uma vez que a terra não era uma possibilidade àquela época do ano).

Após voltas e mais voltas em torno do barco, buscando local para se ancorar e subir, foi possível utilizar uma pequena estrutura de madeira chafurdada em lamaçal escuro para, com os cabos, puxar a embarcação para o lado e se equilibrar num movimento pouco natural para o aclamado seco. Tudo, claro, regado às gargalhadas dos agentes temporários ambientais (ATA) do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), parceiro nosso naquela missão.

Para somar, ao mesmo tempo, banha e miúdos de galinha foram lançados pelo cozinheiro do barco ao rio, sem perceber que entre a janela e a água, encontrava-se uma cabeça nadadora.

O desgosto da situação foi, ao menos, aliviado pelo sentido de preocupação, por mais que cômico, de outro alguém presente no barco, que, ao assistir a ridícula situação, bradava: “Sai daí que vai vir piranha!”.

Toda aquela situação poderia ter entrado nos anais de absolutamente nada se não fosse o detalhe posterior, que tornou tudo um absolutamente nada épico. Menos de uma hora depois, uma das linhas com isca dispostas ao redor daquele barco passou a ser puxada. Peixe? Há quem diga que não. Fora traçada uma gigantesca arraia de cor cinza e não menos de um metro de diâmetro. Literalmente no mesmo lugar recentemente usado para se ancorar e subir de volta ao barco.

Quem mora na Amazônia sabe bem o que pensar ao ver uma bichinha dessas. Ela não foi pisada por sorte. Imagine o B.O. que ela poderia proporcionar.

Hoje, este caso é lembrado com humor e orgulho, pois naquela mesma Ordem de Fiscalização houve tempo para se apurar um desmatamento local que, depois, já com outra equipe, proporcionou um dos vídeos mais queridos entre nós: de uma senhora comemorando, aos prantos e jargões, a doação de quantidades bíblicas de madeira apreendida de algum usurpador de bens públicos.

Portanto, apenas sucesso.

Não seria, destarte, autoria de respeito, capaz de assumir tamanha presepada em dizer como “estava ele na água, ninguém entendeu”. Perdão, Hemingway.

# Treinamento na Supes/AL

Carla Maria Sereno Neves, Coord. de Controle e Logística da Fiscalização

Fui ministrar um curso na Superintendência do Ibama em Alagoas (Supes/AL) e, quando cheguei, descobri que a sede fica localizada em uma reserva florestal. Lugar maravilhoso.

O expediente era até às 17 horas e fiquei até mais tarde, porque tinha que instalar o curso nos computadores. Todos os servidores foram embora e, ao terminar meu trabalho, desliguei os computadores, apaguei a luz e fui para a porta.

Quando ia sair, vi um animal grande e não tive coragem. Na verdade, fiquei com medo.

Peguei o telefone e liguei para o chefe da Divisão de Administração e Finanças (Diafi). Ele me disse “Carla, é uma preguiça. Pode sair tranquila. Até ela chegar perto de você, vai demorar uma eternidade”, mesmo assim saí cheia de cuidado.

Só para registrar que trabalhamos em lugares bonitos, agradáveis e ficamos bem mais felizes em estar junto da natureza. Gosto muito de fazer parte do corpo técnico do Ibama.

# Operação Macauã/2001

Ronaldo Arruda da Silva, Núcleo de Fiscalização (PE)

Com base operacional em Conceição do Araguaia/PA, nossa equipe de fiscalização aérea foi formada por piloto, copiloto e dois agentes ambientais federais (AAF) no helicóptero do Ibama.

No dia 11 de setembro de 2001, após retorno das vistorias realizadas em campo, no sobrevoo ao município de Redenção/PA, o comandante Curitiba nos comunicou via rádio de um cúmulo-nimbo (CB), o qual víamos à nossa frente. Eu não tinha ideia do que se tratava esse palavrão. Depois fiquei sabendo que eram consideradas as mais perigosas nuvens da Terra.

O comandante informou também que o combustível da nossa aeronave não daria para cercar esse CB. Era grandiosa aquela nuvem escura, nunca tinha visto nada igual.

Com sua vasta experiência, o comandante decidiu retornar para uma casa/sede de uma fazenda pela qual havíamos passado a, aproximadamente, uns seis km atrás.

Aterrissamos ao lado da casa/sede com muita dificuldade e com a habilidade do comandante.

Naquele momento, um senhor veio ao nosso encontro e se apresentou como gerente da fazenda. Pedimos apoio logístico por questão emergencial. Ele logo nos acolheu, procurando fazer o melhor para todos nós. Assim, dessa maneira, nos alojou cedendo a casa para nossa equipe.

O tempo havia se fechado com chuva e vento fortes, trovões e raios. Para nos proteger das intempéries, ficamos no galpão onde funcionava alojamento, depósito, garagem e cozinha, um espaço com uma única televisão, e nos juntamos com os demais trabalhadores da fazenda, pessoas solidárias.

O único entretenimento era a televisão, assim que foi ligado o gerador de energia, tendo o seu horário antecipado, pois funcionava diariamente das 18 às 22 horas. Eram mais ou menos 17 horas e 30 minutos, mas estava bastante escuro por conta do temporal.

Quando comecei a assistir à TV, só vi aviões colidindo com edifícios nos Estados Unidos.

Para mim, foi mais assustador ver os ataques feitos pelo grupo Islâmico Al Qaeda do que até a própria CB que vivenciamos. Graças a Deus e ao comandante Curitiba, saímos ilesos!

Diante dos ataques verificados na telinha, fiquei muito preocupado. Lembro-me de ter dito: “Assim que chegar na base operacional, irei pedir o retorno o mais rápido possível para o meu ‘Pernambuco véio!’”, também falei: “Agora vai ter a terceira guerra mundial!”

No dia 12 de setembro de 2001, agradecemos pela estadia e quando levantamos voo logo cedo, verificamos como foi devastadora a força gerada pelo CB e a destruição de toda natureza na fazenda e nas outras propriedades da região atingida. Ao chegarmos na base operacional em Conceição do Araguaia/PA, fomos recebidos pelos colegas, que ficaram preocupados e agora estavam aliviados com o nosso retorno.

Aproveitamos esse dia para fazer relatórios, a equipe técnica da empresa de helicópteros fez a manutenção da aeronave; e depois fomos comer uma peixada muito boa na balsa flutuante do Zé Piranha, às margens do rio Araguaia, e aproveitar o delicioso banho nas águas desse lindo rio para relaxarmos dos fatos ocorridos no dia 11 de setembro de 2001.

# Comportamento de eternidade

Cecília Jesus de Menezes, Núcleo de Fiscalização da Fauna

Não esperava testemunhar a beleza do que Manoel de Barros chamou de “comportamento de eternidade nos caramujos”. Pelo menos, não em tão pouco tempo que eu havia entrado no Ibama. Ainda que minha formação acadêmica tivesse fornecido as bases científicas para entender racionalmente as estratégias de sobrevivência desses pequenos moluscos, precisaria de mais que razão e métodos para entender por que Manoel achou que a vida dos caramujos fosse história para caber no impossível.

Havia menos de dois meses que tinha tomado posse no Ibama e recebi a tarefa de fazer o levantamento de um material apreendido. O trabalho, basicamente, seria contar conchas e, se possível, identificar a que seres haviam pertencido aquelas peças calcárias acumuladas em caixas improvisadas com origem nomeada.

Comecei a contagem. Eram muitos. Diversos. Uns mais dados a viver na água, outros na terra. Mas todos carregando com paciência o início do mundo, como diria Manoel. Fui percebendo que a atividade era interessante. Ainda que o odor que alguns espécimes em decomposição exalasses fosse desagradável, eu podia aprender novas morfologias, observar estruturas...

Então, tratei de procurar o lugar mais apropriado para realizar minha tarefa singular. Busquei ajudantes. Uns se ausentaram após o primeiro dia. Uma permaneceria. Fotografias, abrir e fechar de caixinhas, anotações, livro para identificação.

Certo dia, observamos que, em uma daquelas caixinhas, havia uma concha maior, única, ainda com corpo dentro. Logo, testemunhamos que não se tratava apenas de um corpo encerrado numa concha. O animalzinho parecia mover-se. Surpreendeu-me a animação com que saiu da concha assim que algumas gotas d'água foram despejadas sobre sua superfície. Com o andar de quem tinha verdades que podiam não ser e que esperava havia tempo por condições mais favoráveis para sair da dormência, o pequeno ser do Cerrado causou-nos encantamento tamanha resistência sua e desinformação nossa, de que entre aquelas caixas poderia haver alguém com voz desconformada por dentro, esperando por salvação.

Na semana seguinte, partiu para seu destino, a natureza. Eu, meu chefe e alguns colegas o conduzimos até o início de sua viagem, rumo a uma vida mais acolhedora do que estar num depósito, sob o risco da catástrofe de não ser achado. Parecia mesmo história que só caberia no impossível. E como Manoel já apontava, ao olhar atento, a beleza se revela para caber na poesia. E coube.

# Guma

Lazlo Macedo de Carvalho, Unidade Técnica em Santos-SP

Entrei para o Ibama em 2002, sendo lotado na Estação Ecológica (Esec) de Maracá Jipioca/AP. Na época, o Amapá havia recebido uns 30 analistas do concurso de 2002, vindos de todo o país. Formávamos um grupo muito heterogêneo, mas bastante uníssono, nas entregas e compromisso de todos.

Maracá Jipioca é a ilha litorânea brasileira mais ao norte do litoral amapaense, sendo acessada por terra a uns 300 km de Macapá, pelo município de Amapá, trecho transposto inicialmente por terra com apoio da Chitara – Toyota Bandeirante cativa da Unidade – e por barco para percorrer mais uns 20 km de navegação, sendo parte fluvial pelo rio Flexal e parte marítima da costa até a ilha no igarapé do Inferno, onde fica a base da Unidade.

A ilha foi formada pela ampliação de um canal de mar que a isolou há milhares de anos do continente, mas possui em sua formação uma grande diversidade, com florestas de terra firme e mangue, bem como áreas brejosas, lagoas de água doce alimentadas pelas chuvas, e igarapés para drenar suas águas, sendo os maiores o do Inferno, o Purgatório e o Inferninho, transformando a própria ilha em um causo a parte.

Segundo informações extraoficiais, havia na ilha uma das maiores concentrações de onças-pintadas da região, e, lá, podiam se encontrar muitos vestígios. As lagoas internas de água doce eram sobrepovoadas por jacarés-açu, e possuía uma população não dimensionada de búfalos carabao selvagens, proliferados de remanescentes de criações rústicas, anteriores à criação da Unidade, com graves impactos ambientais negativos.

Certa feita, um promotor da região, veio nos questionar sobre uma onça-pintada que era criada em cativeiro numa borracharia na região.

Como resposta, não sei por que cargas d'água, resolveram que a tal onça poderia ser solta na Esec com segurança. Na época, porém, os analistas recém-ingressos rechaçaram a ideia ante aos riscos tanto para o animal, por não ter o menor conhecimento do ambiente selvagem, quanto para a população selvagem de onças da Ilha, com riscos de propagação de alguma doença. Porém, por sermos “novatos no Ibama”, fomos ignorados e prosseguiu-se o plano.

A onça já tinha até nome, Guma, era um macho, criado desde filhote em cativeiro, manso e muito acostumado ao convívio com os homens. Foi entregue pelo borracheiro de livre vontade, numa coleira, como se fosse um gatinho.

Foi transportado até a unidade e ficou conosco uns 15 dias, alimentado com peixes crus e carne de búfalo, que eventualmente eram abatidos para alimentar as equipes do Prevfogo instaladas na ilha durante os períodos de seca devido aos riscos de incêndios, uma vez que a região sofre com estiagem de uns 3 meses anualmente.

Nesse período, foram feitas tentativas de soltá-lo, utilizando o barco e o conduzindo até uma área distante. Porém, o animal por medo, tanto do ambiente quanto das companhias (outras onças), sempre retornava à base para pedir guarita, se apresentando à sede da Unidade tal qual um animal de estimação.

Com as tentativas frustradas, resolveram escutar aos alertas de não adaptação e a equipe de fauna à época conseguiu articular com o Museu Paraense Emílio Goeldi para recebê-lo. O transporte de avião foi uma operação que gerou muita expectativa a todos, só encerrada com a confirmação de recepção do animal pelo Museu.

Depois disso, toda vez que tínhamos um tempo em Belém (PA), Guma era nossa visita cativa, como a um parente, lá permanecendo não sei até quando.



# O coração das viagens embarcadas

Cristina Isis Buck Silva, Superintendência do Ibama no Amazonas

Cozinhar envolve afeto e necessidade. Mas, às vezes, a mistura dessas duas características não dá boa coisa.

Em alguns tipos de viagem de barco regional pela Amazônia, a presença de uma cozinheira ou cozinheiro é imprescindível. Esse profissional é o responsável por preparar todas as refeições da viagem e garantir que todos os embarcados estejam bem alimentados e satisfeitos para executar seus trabalhos. São extremamente habilidosos para produzir uma excelente comida em cozinhas com pouco mais ou pouco menos de dois metros quadrados.

A contratação desses profissionais varia conforme o objetivo da viagem, quem a financia, e a disponibilidade de agenda do cozinheiro. Essas viagens às vezes duram longos períodos, e o profissional precisa ter disponibilidade para a empreitada. Porque, além de cozinhar, ele é responsável por toda a logística da alimentação, saber a quantidade de comida que tem na despensa e quanto tempo vai durar. O cozinheiro é o coração da viagem, sem ele, o sucesso do trabalho está comprometido.

Em uma viagem de fiscalização que era para durar trinta dias, o cozinheiro contratado era um dos melhores da região do Médio Solimões. Por isso, havia expectativa de se comer muito bem durante os dias embarcados. As viagens embarcadas são muito cansativas e ter a perspectiva de um bolo fresquinho com café esperando quando se retorna das atividades de campo aquece qualquer coração.

Mas o cozinheiro teve um imprevisto pessoal e teve que deixar a embarcação após dez dias de viagem. A partir desse momento, o sonho de dias felizes à mesa se transformou em um ritual de sobrevivência e fatos engraçados.

Todos na embarcação tinham suas funções específicas e ninguém podia ou queria assumir a cozinha para si, portanto, o trabalho em escala foi implementado. O coordenador da equipe monitorava a vez de Fulana fazer o café e Sicrano o almoço ou jantar. Esse plano, infelizmente, não funcionou porque as habilidades na cozinha variam de pessoa para pessoa. Ainda mais se essas habilidades são testadas em cozinhas pequenas, com limitações de utensílios e para um público faminto.

O coordenador da viagem era da região amazônica e assumiu as refeições principais. Por sua proximidade com a culinária local, o cardápio se tornou único: peixe. Isso agradou por uns dias, mas também se mostrou enfadonho para todos e cansativo para o coordenador, que além de pensar no cardápio, às vezes tinha que comprar o peixe nas comunidades, limpá-lo e cozinhá-lo.

A solução encontrada foi procurar um novo cozinheiro. Um dos tripulantes da embarcação conhecia uma cozinheira na cidade que passaríamos, e ela topou assumir o posto até o final da viagem. Parecia a solução perfeita e foi mesmo por alguns dias. Com café à mesa e pratos mais variados no almoço e jantar.

De repente, o café na mesa desapareceu, a comida começou a ficar insossa e em pouca

quantidade. Esse fato obrigava os mais famintos a ter que ir para cozinha preparar um reforço de peixe, carne ou ovo para se sentirem saciados. Além do café.

Descoberto o motivo da escassez, nova onda de tristeza alimentar se abateu sobre todos. A cozinheira estava namorando o tripulante que sugeriu sua contratação. Não tinha mais a cozinha como sua prioridade, o afeto afetou a boa mesa de todos.

Nossa sorte que a viagem estava chegando ao fim e ainda foi encurtada. Durou vinte e cinco dias em vez de trinta. Ideia do coordenador, cansado de pensar na cozinha, e aprovada por todos os embarcados, carentes de fartura à mesa e café à vontade.

# Palimiu e os Tyhy

Hugo Ferreira Netto Loss, Coord. de Fiscalização

No dia 28 de novembro de 2022, duas aeronaves do Ibama pousaram na aldeia Palimiu, no território Yanomami, pela primeira vez. Sob grande chuva localizada exatamente sobre a aldeia. O desembarque foi rápido, devido ao mau tempo que obrigava as aeronaves a voltarem rapidamente para Boa Vista, Roraima.

A chegada à aldeia Palimiu somente foi possível com o avanço do caminhão de combustível até a cidade de Tepequem, devido à limitação de autonomia das aeronaves para completar o percurso de Boa Vista até a aldeia Yanomami.

O objetivo da ida até Palimiu era identificar um ponto de apoio para as operações de combate ao garimpo na Terra Indígena Yanomami. Pelo mapa, Palimiu mostrava-se adequada, pois era uma das localidades onde o rio Uraricoera se afunilava, permitindo assim o controle do trânsito das embarcações que carregavam suprimento para o garimpo. Também, em um raio de 90 metros a partir de Palimiu, tinha-se o alcance sobre todo o território Yanomami, o que seria um grande facilitador para as operações aéreas.

Na chegada à aldeia, a equipe foi recebida pelo cacique Fernando. Prontamente, ele perguntou o que fazíamos lá. Respondemos: “viemos combater o garimpo”. Ele imediatamente preparou embarcações dos próprios indígenas e orientou seus melhores pilotos para nos guiar pelo rio Uraricoera. Também indicou o local onde poderíamos pernoitar, uma pequena casa que também servia de depósito.

Embarcamos nas voadeiras da aldeia e o filho do cacique, Benjamim, um Yanomami baixo e magro, pilotou até os primeiros garimpos. Atracamos na margem e caminhamos por alguns minutos selva adentro, por áreas alagadas, com água até os joelhos. Ao final, deparamo-nos com os acampamentos de dezenas de garimpeiros, que foram surpreendidos com nossa chegada, guiados por aquele indígena magro.

Fizemos todos os procedimentos de praxe e retornamos para Palimiu. Pernoitamos na noite fria da floresta em redes dentro do alojamento/depósito. Acordamos com o primeiro raio de sol para mais um dia de navegação pelo Uraricoera.

No segundo dia, conseguimos pegar diversas balsas de garimpo ao longo do rio Uraricoera e seus igarapés. Contamos com o poder de rastreamento e de conhecimento dos Yanomami, que pareciam conseguir enxergar o rastro das balsas por cima d'água. Depois de um longo dia de trabalho, retornamos para Palimiu.

Nesse dia, o cacique Fernando mandou o recado que queria falar conosco. Veio até nosso alojamento e repetiu por diversas vezes com seu português arrastado que queria que permanecêssemos na aldeia e montássemos uma base lá, que a escola da aldeia serviria de alojamento para nós. Ao mesmo tempo, o pai do cacique Fernando, um senhor já idoso, cego de um olho e poderoso pajé, falava na língua Yanomami ao redor da casa onde estávamos. Fernando, então, nos disse “meu pai está falando... ele sabe de tudo... sabe de vocês, sabe de garimpeiro... ele tira cipó para fazer remédio do Igarapé... garimpeiro furou buraco e matou tuuuudo o cipó... ele

muito triste... Yanomami muito triste... eu dizer para vocês; vem, fica aqui Palimiu. Fica escola, eu ajeitar tudo, mas vocês fica aqui Palimiu”.

Ouvimos o pedido do Fernando com a sensação de ouvir tudo isso ao mesmo tempo em que seu pai falava na língua, estávamos cercados de Yanomamis que vinham ouvir nossa conversa. Nesse momento, tivemos a certeza de que era isso que deveria ser feito.

Voltamos cada qual para sua casa. Em dezembro, buscamos fazer diversas reuniões com as pessoas que estavam na transição do governo para mostrar a importância da luta pelo território Yanomami e, sobretudo, que o Ibama seria capaz de zerar os alertas de garimpo no território nos 100 primeiros dias de governo. Conseguimos convencer as pessoas disso.

Em 06 de fevereiro de 2023, iniciou-se a operação na TI. No dia seguinte, uma equipe executiva do Ibama, composta pelo diretor de proteção ambiental, o superintendente do Ibama em Roraima, uma advogada da Advocacia Geral da União (AGU) e o coordenador de operações de fiscalização, chegou em Palimiu.

Ao chegar, em menos de 30 minutos após o pouso, duas embarcações de garimpeiros passaram na frente da aldeia carregadas de combustível. Os Yanomami, então, olharam para nós como se perguntando: “e aí? Não vão fazer nada?”. Embarcamos em uma voadeira Yanomami e perseguimos as embarcações até detê-las e levá-las para aldeia. Foram apreendidos centenas de litros de combustível e diversos equipamentos de acampamento de garimpo, como fogões, freezer, botijão de gás, comida. Justamente os equipamentos que faltavam para iniciar a abertura da base de Palimiu. Estava, portanto, aberta a base.

Nesse mesmo dia, uma equipe do Fundo Global para o Meio Ambiente (GEF) chegou à Palimiu. A partir de então, todas as ações de fiscalização partiram de lá. O rio foi fechado por um cabo de aço instalado pelo Ibama, e as embarcações passaram a ser sistematicamente abordadas e vistoriadas.

A partir de Palimiu, em abril de 2023, nos 100 dias do governo, o Ibama zerou os alertas de garimpo da TI Yanomami. Depois desse fato, os Yanomami passaram a chamar os “Ibama” de “Tyhy” (foneticamente “tãrri”), mesmo nome dado à onça parda.

Infelizmente, o trabalho foi descontinuado e os garimpeiros voltaram no segundo semestre de 2023, mas esse momento da história foi registrado e deve ser lembrado. A parceria e o envolvimento dos indígenas na proteção do seu próprio território mostram-se como o ponto de maior importância no combate ao crime ambiental.

# Surpresa de Natal

Emília Goulart de Oliveira Ramos, Superintendência do Ibama em Minas Gerais

Eram os idos de 2008, 2009. Dezembro. O Ibama, do alto dos seus 20 anos, já se consolidara no cenário ambiental do Brasil e do mundo. Seu nome estava na boca do povo. Sua marca figurava entre as mais reconhecidas do país. Era exaltado por sua excelência na defesa e conservação dos recursos naturais.

Na mesma medida, era também temido por quem descumprisse as leis ambientais. Foram muitas as vezes em que seus escritórios, viaturas e servidores se tornaram alvo de infratores e foras da lei, especialmente nas ações de fiscalização.

Pois bem. A extinta Superintendência do Ibama em Brasília conduzia o licenciamento corretivo de áreas de ocupação irregular no Distrito Federal. Estava uma equipe destacada para vistoriar um setor habitacional, fruto de invasão imobiliária e que fazia divisa com uma unidade de conservação. Foram os agentes em veículo identificado com: “Ibama – Governo Federal – Poder Executivo – Uso Exclusivo em Serviço”. Durante a vistoria, percebiam-se os olhares ora amedrontados, ora ameaçadores, da população local.

Finalizada a diligência, tomou-se o rumo do Plano Piloto de volta à base. Assim que deixou o setor habitacional, parada em um sinal vermelho, a caminhonete foi alcançada por uma moto que emparelhou à janela do carona. O condutor olhou fixamente para o veículo oficial e, num gesto brusco e inesperado, enfiou uma das mãos em uma sacola junto ao corpo. Com a outra, acenou para que se abrissem as janelas do carro.

Pronto! Estamos em uma emboscada! – Por uma fração de segundo, foi a reação dos agentes do Ibama.

Antes que o sinal abrisse, o motoqueiro retirou a mão da sacola, fez surgir um objeto vermelho e misterioso, e o apontou com veemência em direção aos servidores, atônitos.

Era um gorro de Papai Noel. “Feliz Natal!”

Por anos e anos o acessório participou das comemorações de fim de ano da saudosa Superintendência do Ibama no Distrito Federal.

# 1001 estórias ou histórias?

José Geraldo Brandão, Núcleo de Licenciamento Ambiental -ES

Eu poderia contar “causos” sobre dois furos de duas polegadas feitos com furadeira abaixo do nível do calado de uma embarcação que utilizaríamos para uma missão no Rio Xingu, ou da utilização de cabos de aço em uma pista de pouso de terra batida para que nossa pequena aeronave não aterrissasse próximo a um plano de manejo irregular, ou da carreta de madeira clandestina, que nos fez escalar com a viatura um talude de uma estrada vicinal (até hoje não sabemos se o caminhão madeireiro estava “des” ou “governado”), ou de uma caixa com um enxame de abelhas que fora deixada propositalmente em uma Kombi que obstruía uma estrada que serviria de variante às obras na tão famosa Transamazônica.

Ah, aos poucos fui lembrando de outras peripécias, como as piruetas sem fim em um helicóptero na travessia da Serra do Mar, já chegando ao Litoral Norte do estado de São Paulo, ou de pontes incendiadas por madeireiros e etc.

Mas, não. Vou contar uma das mais icônicas histórias que marcou toda a minha história dentro do Ibama.

Recém-aprovado no primeiro concurso do Ibama, teria que tomar posse em uma longínqua cidade da Amazônia. Nada mais nada menos que 3.300 km de distância da minha cidade de origem. Não pensei duas vezes em fazer tal viagem com o meu velho “batmóvel”. Depois de dois dias e meio de viagem, já na Transamazônica, vi uma senhora à beira da rodovia de terra batida acenando para solicitar uma carona. Seria bom ter uma companhia para poder conversar e ir conhecendo um pouco sobre o que eu poderia encontrar pela frente.

Foi um relato triste. Havia chegado no início dos anos 70 e fixou residência nas margens da Transamazônica. Sua família, que recebera auxílio para se fixar ali, em pouco tempo, fora totalmente abandonada. Perdeu uma filha após um ataque de uma onça e outros dois filhos por doenças que nem conheciam.

Perguntei sobre a existência de hospitais ou suporte de assistência médica. Sua resposta, em um tom de simplicidade total, foi que mesmo que houvesse recursos próximos, a rodovia ficava cerca de seis meses praticamente intransitável, fato este que pude verificar nos anos seguintes quando ali residi.

Reflito até hoje sobre essa situação. Penso como nosso povo é guerreiro, porém esquecido e vilipendiado. Prometi a mim que nunca seria contra obras de conservação, manutenção e melhorias em estradas. Até hoje sigo esse dogma.

# E o rio mudou

Mayk Ferreira de Almeida, Nucleo de Fiscalização-PA

Era a primeira vez que eu viajava para essa parte da Amazônia no extremo Norte do Brasil. Muito se falava na imprensa e nas mídias sociais sobre o sufrágio do povo Yanomami, sobre o mal que a presença do garimpo estava fazendo aos indígenas e suas terras. O Ibama iniciou a operação Xapiri (espíritos guardiões da floresta em uma das línguas indígenas), intensificando a fiscalização, e eu quis fazer parte disso.

De Boa Vista, após algumas horas de estrada e uns 45 minutos de voadeira, pilotada bravamente por um indígena Yanomami; percorrendo o leito do rio Mucajaí, passando perigosamente pelas rochas parcialmente submersas no rio, chegamos na base da Funai, já com a noite abraçando o horizonte.

Bem recebidos, em uma feitoria de madeira às margens do rio, a equipe do Ibama conheceu os representantes das outras instituições que participariam da missão: Força Nacional, Polícia Federal e, claro, a própria Funai.

Na manhã seguinte, foi possível ver o rio com aspecto turvo, denso, na cor marrom claro, diferente do que seria a cor natural. Essa observação foi confirmada pelos indígenas presentes e servidores da Funai. Segundo eles, a cor escura foi intensificada pela presença do garimpo.

As incursões às áreas degradadas foram planejadas e todos determinados a cumprir a missão e cientes dos riscos existentes.

Rancho feito na madrugada, a equipe partiu subindo o rio, enquanto o sol despontava no horizonte. A beleza da Amazônia vai encantando, mas tudo desmorona quando se tem as primeiras visões dos garimpos: maquinários, rio poluído, árvores derrubadas, terra revirada, tudo isso próximo às comunidades indígenas.

Fizemos várias incursões subindo o rio, cada vez mais longe, e mais garimpos achávamos. A presença das instituições fez com que as pessoas do garimpo se evadissem, passavam pela base voadeiras com 30, 40 pessoas, os garimpos do rio Mucajaí estavam vazios.

Os dias desta missão passaram e, na hora da partida, pôde-se perceber a diferença da cor do rio, que antes não estava como deveria estar. O verde amazônico estava tomando seu lugar de volta e expulsando o marrom leitoso da degradação. Um trabalho não só dessa base, mas de toda operação Xapiri presente na região Yanomami. Os espíritos guardiões da floresta nos fizeram companhia.

Experiências foram vividas, amigos foram feitos e o sentimento foi de dever cumprido.

# O policial jogador

Daniel Reis Dantas Silva, Superintendência do Ibama na Bahia

Lulinha foi um jogador do Esporte Clube Bahia no ano de 2011. Artilheiro da base do Corinthians, veio ao Bahia por empréstimo e com a confiança da torcida. Nesse mesmo ano acontecia a Fiscalização Preventiva Integrada (FPI), com participação do Ibama e de outros órgãos na cidade de Paulo Afonso/BA.

Acontece que um servidor da Polícia Rodoviária Federal (PRF) se parecia demais com o jogador do Bahia. Ele havia chegado quase ao final dos trabalhos, e todos ficaram impressionados com a semelhança dele com o jogador de futebol.

Tonho Limão é fiscal do Ibama, torcedor do Bahia, e estava em campo durante todo o dia, logo não teve a oportunidade de conhecer o PRF. E aí os colegas tramaram uma peça...

Na mesma noite haveria uma festa de integração com todos os participantes, e os colegas pediram para o PRF chegar mais tarde, uma vez que iriam fazer uma “surpresa” para Tonho Limão. Todos sabiam da pegadinha. Foi aí que um colega chegou e falou: “Tonho, tem um jogador do Bahia aqui em Paulo Afonso! Ele é conhecido de um colega e prometeu vir à festa!”. Tonho, a princípio, não acreditou.

Alguns minutos depois chega o “policial-jogador”. Tonho fica emocionado, sai da mesa em que se encontrava e vai cumprimentá-lo. Logo, oferece uma bebida alcóolica, o que é prontamente recusado por “Lulinha”. Tonho fala: “isso que é um profissional! Não bebe e cuida do corpo”. Passa algum tempo conversando e perguntando coisas do futebol ao policial, que vai respondendo de forma mentirosa e conduzindo a conversa.

Passado algum tempo, falam para ele: “Tonho, deixe de babar o rapaz! Ele não é jogador do Bahia! Ele é policial rodoviário!”. A festa toda então começa a dar risada da situação. Tonho Limão vê que caiu na pegadinha e fica esmorecido num canto da mesa...



# Seu Isaías

Marcus Vinicius Lemos de Brito, Serviço de Operações Especiais de Fiscalização

O garimpo ilegal avançava na Terra Indígena (TI) Kayapó. Infratores observavam o *modus operandi* da fiscalização e, ao sinal de uma nova operação, bloqueavam estradas, pontes e o que fosse possível para impedir as ações.

Precisávamos inovar para passarmos despercebidos o maior tempo possível na região. Tarefa nada simples. Uma foto e, no minuto seguinte, o alerta estaria em todos os grupos de infratores.

Então, o primeiro desafio era chegar “sem ser plotado”, no linguajar operacional. Usar viaturas estava descartado. Alugar caminhonetes também, pois um comboio de forasteiros levantaria suspeita. Aeronaves não dispensaríamos, são essenciais.

Matuta daqui, pensa dali:

“Sem base fixa! Faremos uma operação itinerante. Cada dia decolamos de um lugarejo e pousamos em outro para pernoite”

“E os deslocamentos até os pontos das aeronaves e pernoites?”

Matuta daqui, pensa dali:

“Alugaremos um micro-ônibus com a estória cobertura de sermos um grupo de pescadores.”

Levantamos informações dos veículos disponíveis na região até chegar ao Sr. Isaías, proprietário e motorista, goiano, ficha limpa. Era a melhor opção. Fechamos a locação e a data de chegada no aeroporto.

Na hora marcada, fumando um palheiro na porta do seu meio de sustento, um senhor franzino com o rosto marcado pelas linhas do tempo nos aguardava.

“Boa noite! Animados para a pescaria?”

“Claro! Já queremos pescar amanhã logo cedo!”

Enquanto nos ajudava a acomodar malas e equipamentos, um olhar confuso observava aqueles petrechos de pesca nada tradicionais.

Na manhã seguinte, o dia “D” da missão, ainda faltava o último detalhe do plano: comunicar o novo membro da equipe e torcer pelo seu aceite.

Equipamo-nos cedo no quarto do hotel. De uniforme camuflado, coletes, armas e mochilas, entramos no salão do café. Sozinho na mesa, olhando por cima dos óculos e segurando a xícara próximo da boca, Isaías nos fitava atônito enquanto nos servíamos. Nos sentamos na sua mesa.

“Bom dia, Sr. Isaías!”

“Bem que achei estranha aquela tralha de pesca!”

“Temos algo mais nobre a fazer. Famílias estão adoecendo devido à destruição dos rios provocada pelo garimpo. Viemos impedir. Fique à vontade para encerrar aqui o contrato.”

Breve silêncio:

“Não sei o que vão fazer, mas estou dentro!”

A partir daí, foram dez dias de muita ação e ótimos resultados. Isaías já havia incorporado o espírito da equipe, enquanto os infratores estavam perdidos sem entender de onde surgíamos.

Último dia, 12 horas de trabalho e dezenas de garimpos desmantelados. Exaustos, ainda tínhamos longa viagem pela madrugada até o aeroporto. Tensão e cansaço formavam sonhos desconexos, quando ao alvorecer Isaías dá o alerta:

“Acordem! Fecharam a pista!”

Enquanto preparávamos para o pior, ordenei:

“Não para, Isaías!”

Terminada a frase, o veículo freia e Isaías abre a porta para a turba entrar. Pensei: “fomos traídos”.

Gritaria. Confusão. Com a carabina em punho me posicionei, mas logo percebi que não eram garimpeiros. Eram mulheres de um movimento social pedindo socorro. Jagunços haviam atacado a tiros seu acampamento e um senhor foi ferido. Prestamos os primeiros socorros. Isaías os acomodou e seguimos viagem. Horas depois, chegamos ao hospital, encaminhamos o pobre senhor aos cuidados necessários e seguimos para o aeroporto.

Na despedida, o semblante de Isaías expressava que aqueles dias intensos o haviam transformado. Com seu micro-ônibus, ajudou servidores, indígenas, desconhecidos e o meio ambiente.

“Essa vou contar para meus netos! Me chamem para a próxima pescaria!”

Nos despedimos agradecidos. A missão estava cumprida. Vamos para casa!

# A tartaruga do padre

Pedro de Paula Emerich, Serviço de Operações Especiais de Fiscalização

Cidade do interior do Amazonas, em uma mesa de restaurante, turistas pescadores bebiam e falavam sobre um leilão, que ocorrera no dia anterior, na festa da igreja local. Uma das conversas me chamou a atenção: o pregão de uma tartaruga gigante, doada à igreja por uma fiel que queria quitar dívidas divinas.

Após a refeição, fomos até a igreja investigar o fato. Duas senhoras da comunidade confirmaram a “história de pescador” e decidimos aguardar o pároco, que saíra de moto.

Ficamos a imaginar um padre na moto, batina preta tremulando ao vento ou algo parecido. Quando chegou, desceu da moto um homem pequeno, não mais que 1.60 m, magro, bermuda de tacetel e camisa do flamengo.

Feições indígenas, falava um português enrolado, claramente não era sua língua raiz. Olhou-nos, enfiou as mãos sob a camiseta volumosa, retirou três latas de cerveja e as colocou na janela da igreja.

Começamos, então, a perguntar sobre a tartaruga leiloada. Com tranquilidade, confirmou e deu detalhes do pregão, como se fosse algo natural e festivo.

Após nos identificarmos, informamos que o ocorrido se tratava, além de infração ambiental, de crime federal. O padre pareceu não se importar e naturalmente se despediu. Acho que estava preocupado com a cerveja que esquentava à janela.

Voltamos ao assunto, agora de forma mais didática, e ponderamos:

“Padre, o senhor tem até amanhã à tarde para aparecer com essa tartaruga ou o senhor e a igreja serão multados e investigados pela polícia.”

Ele arregalou os olhos. Foi como se toda a conversa de longos 40 minutos fosse assimilada em milésimos de segundo.

Uma preocupação dele veio à tona:

“E se a tartaruga já foi comida?”

Respondemos:

“O senhor será multado.”

Na manhã seguinte, recebi a ligação da autoridade religiosa informando que havia conseguido resgatar a tartaruga. Marcamos um encontro, então, para as 18 horas em frente à igreja, às margens do rio.

Uma movimentação agitada de pedestres aguardava-nos à porta da igreja. Carro estacionado, logo veio o padre ao nosso encontro, carregando um belo exemplar de tartaruga-da-amazônia, grande, uns 10 quilos.

A notícia havia se espalhado e virou um evento municipal. A comunidade da igreja estava em peso e algumas pessoas pediram autorização para filmar a devolução da tartaruga, talvez para comprovar que a igreja e o padre estavam quites com a situação ambiental.

Em vez de receber a tartaruga, pedimos ao padre que ele mesmo a libertasse. Iniciou-se, então, quase uma procissão liderada pela tartaruga em direção ao rio. O padre desceu

o barranco enlameado com a tartaruga na mão, acompanhado de vários fiéis que vinham atrás.

Ao chegar à beira do rio, o padre esticou os braços e, lentamente, colocou a tartaruga na água. Todos estavam na expectativa do animal desaparecer nas águas escuras, em uma bela corrida para a liberdade.

No entanto, ao ser colocada no rio, a tartaruga mais parecia uma boia de isopor.

O padre tentou acelerar o processo e começou a afundar a tartaruga mais bruscamente, parecia uma brincadeira de criança: ele a empurrava para o fundo, e ela boiava novamente. Ninguém mais segurava os risos e gargalhadas, nem o padre, nem nós, nem os espectadores.

Após muitas tentativas, a tartaruga se afastou da borda e, afinal, já distante, submergiu. Um alívio paroquial.

Finalizado o espetáculo, ouvimos um cidadão, aparentemente alterado pela cerveja, dizer em voz alta, em tom de deboche:

“Aquela tartaruga da quermesse já foi comida há muito tempo! Essa aí o padre comprou do pescado hoje cedo.”

# O futuro perdido no garimpo ilegal

Felipe Ramos Nabuco de Araujo, Coord. de Licenciamento Ambiental de Dutos e Sistemas de Transmissão de Energia

Joaquim Parimé, Superintendência do Ibama em Roraima

Era uma vez, um menino chamado João Miguel. Filho caçula, nascido em uma pequena vila empoeirada no estado de Roraima, Norte do Brasil. Cresceu vendo seus pais, irmãos e irmãs passarem por dificuldades, lutando diariamente na roça para garantir o sustento de toda a família e sua educação.

Quando menorzinho, sonhava em ser jogador de futebol. Na escola, tinha diversos amigos e amigas. Maria Clara sonhava ser empresária, já que sua mãe, Dona Evelin, tinha uma pousada na vila. Lucas sonhava em ser padeiro, para seguir a carreira do pai. E tinha também Valentine, que não tinha um sonho assim tão definido como os demais, mas, de tão corajosa que era e apaixonada por aventuras, era fã de Helena, a filha da prefeita que tinha se tornado policial.

Com o tempo, as crianças foram crescendo, a vida ficando agitada, e os sonhos mudando, conforme ditava a música da vida de cada um...

Quando tinham lá seus 12 anos de idade, estavam brincando na pracinha quando viram um helicóptero do Ibama descer no campinho. Foram correndo fuxicar e brincar com os “fiscais do meio ambiente”, que nos últimos meses estavam por ali, rotineiramente, desde que a vila onde moram tinha se tornado um ponto de apoio para os garimpeiros, que ganhavam dinheiro trabalhando ilegalmente na Terra Indígena Yanomami, área indígena localizada próxima à vila.

Em um certo momento, no meio de conversas, risadas e brincadeiras, um dos homens que estavam ali a serviço pelo Ibama perguntou a todos o que eles queriam ser quando crescessem. A resposta foi fácil para todas as crianças. Foi uníssona, direta e reta. Ao ouvir a resposta, o moço do Ibama fez uma cara estranha, meio reflexiva, meio triste, meio pensativa. Pairou no ar aquele silêncio incômodo, até que outro moço fez uma piada e uns gracejos, e as brincadeiras começaram.

Bom, para a frustração dos colegas do Ibama, o desejo da meninada era um só: “trabalhar no garimpo e bamburrar”.

# O tapa do apapá

Sara Quizia Corrêa Mota, Diretoria de Uso Sustentável da Biodiversidade e Florestas

Certa vez, em uma viagem de censo estatístico comunitário, em ações do Projeto Iara, no Oeste do Pará, na cidade de Santarém, os agentes saíram logo cedo, às cinco horas da manhã, para desenvolver o trabalho. Esse trabalho consistia em recolher formulários que eram preenchidos pelos próprios comunitários para uma pesquisa com a finalidade de saber a quantidade de pescado consumido pelas populações ribeirinhas.

Tal pesquisa visava entender as falas ribeirinhas que o “peixe tá se acabando devido à pesca comercial”. Diante desse conflito, que deixava os pescadores muito irritados, se programou uma pesquisa estatística nas comunidades para saber tanto a quantidade do pescado consumido pelos moradores das comunidades, quanto a quantidade de pescado para a comercialização.

A equipe realizava mensalmente viagens às comunidades com a finalidade de recolher esses formulários, que eram preenchidos pelos pescadores treinados para colaborar com a pesquisa do Projeto. Saindo cedinho de Santarém numa voadeira, partiram para executar o trabalho um técnico e o motorista da lancha. Era preciso atravessar o rio Amazonas, entrar por um Paraná, para chegar ao lago Grande de Monte Alegre-PA.

O sol começava a esquentar e, para se refrescar do calor, ocasionalmente se pegava um pouco de água para refrescar o rosto. Nessa época, muitos cardumes de espécies nativas como jaraqui, apap e curimat são avistados. Quando uma voadeira se aproxima dos cardumes, eles se alvoroam para todos os lados.

Numa dessas debandadas de cardume, um apap de 40 centímetros acertou, precisamente, o rosto da técnica, que estava na voadeira despreocupada. Foi um belo tapa recebido de rabo de apap com toda força. A marca vermelha ficou no rosto por um bom tempo. O peixe caiu na voadeira, mas logo pulou novamente espevitado para o rio, não dando nem tempo de pegar o bicho para fazer uma fritada. E assim seguimos para cumprir mais uma missão.

# Rio acima

Pedro de Paula Emerich, Serviço de Operações Especiais de Fiscalização

Durante uma operação de fiscalização na Amazônia, agentes do Ibama se sentiram obrigados a planejar de última hora uma forma de chegar até uma cidade isolada do interior, no alto Rio Negro.

Tempos de pandemia e atrasos nos voos, perdemos uma precária conexão em Manaus e optamos por fazer a viagem de barco, Rio Negro acima, 48 horas de viagem.

Logo na saída, me senti fazendo parte de uma cena cinematográfica, como nas famosas viagens antigas em navios e trens, quando famílias inteiras se despediam, na certeza de um adeus para sempre. No barco, casais trocavam beijos apaixonados, pequenos objetos e papéis voavam da proa para quem ficara no cais, talvez contas atrasadas, ou simples escritos de alguém que gostaria de dizer algo e que antes não tivera coragem.

Diante dessas cenas de emoção, me veio à mente por alguns instantes a indagação se também não deveria ter feito algum ritual de despedida para enfrentar os possíveis perigos da viagem.

Besteira, pois logo me lembrei que os lugares para armar as redes no barco eram por ordem de chegada e, assim, eu precisava de uma estratégia rápida para não ser espremido no balanço da água por alguns passageiros corpulentos.

A viagem é uma experiência antropológica. Todos os passageiros dormem em redes a poucos centímetros uns dos outros, centenas de pessoas que não se conhecem acabam compartilhando momentos de extrema intimidade.

Os roncos, conversas noturnas voluntárias e involuntárias, e até namoros são constantes nas madrugadas, enluaradas ou não. A janta é uma sopa coletiva e os ingredientes colocados ao prato indecifráveis, embora o sabor desconhecido agrade aos paladares mais desconstruídos da formalidade da alta gastronomia.

Quem não consegue superar esse preconceito gustativo tem a opção de pedir um sanduíche na chapa, feito por um cozinheiro mal-humorado, sem camisa, que fica revezando os 100°C do fogo com o “frescor” de 50°C do ambiente amazônico. O pano de prato sobre os ombros do “chefe de cozinha” assume também a função de toalha, enxugando o rio perene de suor que escorre pelo seu rosto.

Planejei acordar bem cedo e tirar umas fotos bonitas do nascer do sol, com o barco singrando as negras águas. Contudo, antes que o celular disparasse, ouvi um galo, escondido em algum canto do barco, que despertara antes da tecnologia.

Os dias foram longos, e os passageiros, curiosos, logo começaram a fazer perguntas sobre nossa presença ali, atitude natural, pois a nossa fisionomia destoava totalmente no ambiente.

Tentava despistá-los, inventava informações, praticava malabarismos verbais para manter o sigilo da operação. Quando o interesse de algum extrapolava minha capacidade imaginativa, então era hora de ir ao banheiro ou “sumir” por algumas horas.

A toda hora um curios, o e não era fácil me lembrar exatamente a mesma história que contara ao curioso anterior. Na popa do barco eu era pesquisador, doutor especialista em jacarés; na proa, me transformava em turista pescador.

Ao chegarmos ao destino, percebia-se pelos olhares, os recém amigos mostravam-se confusos. Junto aos familiares que os esperavam para dar as boas-vindas, vários agentes do Ibama, talvez, no imaginário dos viajantes, prontos para prender alguém que deveria estar a bordo.

Os companheiros de solo entraram na embarcação, pegaram nossas muitas malas e saíram. Não sei se os amigos de viagem tiveram um sentimento de dó por estarmos sendo provavelmente conduzidos pelo Ibama ou uma certa decepção por termos inventado tanta lorota.



# Ínfima capacidade

Francisco Joeliton dos Santos Bezerra, Coord. de Gestão, Destinação e Manejo da Fauna e Biodiversidade Aquática

Este caso aconteceu na extinta Coordenação de Ordenamento Pesqueiro do Ibama sede.

Antes do DocIbama, determinado servidor, responsável pelas análises de processos de solicitação de licença de exportação de recursos pesqueiros para fins de pesquisa científica, tratava as dúvidas por e-mail com os interessados.

Via de regra, os processos precisavam de complementação documental, o que exigia o envio de e-mail aos interessados. Nessa época, como o correio eletrônico institucional tinha pouco espaço para armazenar arquivos, o setor criou um e-mail alternativo para receber as documentações. Assim, determinado processo precisou de complementação de informações e, para tanto, o servidor em questão enviou o seguinte e-mail ao pesquisador:

*Prezado professor,*

*Por favor, nos encaminhe dois documentos:*

*01) Resumo do projeto de pesquisa;*

*02) Declaração de vínculo institucional.*

*Caso tenha dificuldades em encaminhar os anexos para este e-mail, por conta de sua ínfima capacidade, sugiro encaminhar para: ornamentais.ibama@gmail.com.*

*Daremos prosseguimento à análise do requerimento e ficamos no aguardo da documentação para envio da licença.*

E o demandante respondeu:

*Caro Francisco Joeliton!*

*Durante o pedido desta licença, tive que escrever para três e-mails diferentes.*

*“Ínfima capacidade” é preconceito. Caso não saiba, preconceito é CRIME.*

*Não abuse do fato de precisarmos de você, para dar prosseguimento a nosso trabalho. Porque crime não fica IMPUNE.*

*Finalizando, gostaria de saber qual a data prevista para a licença chegar em Belém? Ou de um número de telefone onde eu possa me informar?*

# Operação TI - Terra Indígena/2013

Ronaldo Arruda da Silva, Superintendência do Ibama em Pernambuco

Com base operacional na Região das Terras Indígenas (TI) Alto Turiaçu, Awá e Araribóia no Maranhão, nossa equipe, composta por piloto, copiloto, representantes da Funai, da Polícia Rodoviária Federal (PRF) e dois agentes ambientais federais (AAFs), embarcou no helicóptero do Ibama. No dia 18 de fevereiro de 2013, participamos de uma reunião na Superintendência do Ibama no Maranhão (Supes/MA), em São Luiz, para apresentarmos as atividades a serem realizadas: monitorar e fiscalizar a exploração ilegal de madeiras no interior de áreas protegidas, especialmente de Terras Indígenas.

Com o apoio de um agente da Funai, responsável por confirmar se a infração ocorria dentro das TIs, e da PRF, nossa equipe se deslocou para Imperatriz/MA. No decorrer dos trabalhos realizados nesses sobrevoos, salve engano, na TI Turiaçu, observamos um caminhão (toureiro) com um trator na carroceria, prestes a atravessar por uma pinguela (ponte de madeira) no interior da área confirmada pelo agente da Funai, que utilizava um notebook com mapas de todas as TIs. Ao perceberem nossa aeronave, o motorista e outras pessoas saíram da cabine e adentraram no mato.

O piloto recebeu a autorização do chefe da equipe para aterrissar próximo aos veículos e, prontamente, atendeu ao solicitado. Desembarcamos, eu e outro colega do Ibama, além do representante da PRF, enquanto a aeronave se deslocava para uma área de campo aberto para aguardar. Acredito que a aeronave ficou aproximadamente uns 350m de distância do local que desembarcamos para vistoriar e tentar encontrar algum vestígio.

Enquanto realizávamos a inspeção com o apoio da PRF, fomos alertados sobre a camuflada aproximação de indígenas pelo mato. Tínhamos a orientação de evitar conflito com eles. Não esperávamos por essa situação e, instantaneamente, fomos instruídos a correr. Por mais preparados que estivéssemos, correr diante dessa situação foi uma experiência extremamente tensa. Naquele momento, meu pensamento foi dominado pelo medo. Mesmo armado com armas de calibre pesado, a quantidade de indígenas se aproximando rapidamente era assustadora. Respeitando a ordem, iniciei a corrida não como uma competição ou para manter a forma física, mas sim pela minha sobrevivência. Parecia que os 350m até a nossa aeronave haviam dobrado de distância. Eu era o último, bem atrás dos outros dois. Além disso, carregava armas, uma pistola, uma faca e uma mochila com os materiais para possíveis autuações. Tudo isso somado ao início das dores nas panturrilhas, decorrentes do medo. O coração só faltava sair pela boca.

Olhando para trás, vi os indígenas se aproximando rapidamente. Os últimos 50m até a chegada à aeronave foram os mais difíceis. Eu mal conseguia falar, suava mais que tampa de panela, e minhas pernas pareciam não responder. Os outros já estavam embarcados, o piloto estava pronto para decolar. Graças a Deus, esperaram por mim. Tive apenas tempo de embarcar com a ajuda dos colegas. Foram momentos terríveis, principalmente os últimos metros. Ainda bem que estou contando essa história com vida!

# O caso de como uma onça virou beija-flor

Matilde Maria de Melo, Núcleo de Programas de Educação Ambiental

Naquela época, eu ainda não estava oficialmente no Ibama, mas já trabalhava em colaboração com o Instituto. Tudo que a gente organizava na cidade, nós convidávamos o servidor do Ibama da cidade vizinha. Você não imagina o resultado que dava. Bastava dizer: “Chegou o hÔmi do Ibama!” e a cidade inteira comparecia ao evento.

Certo dia, enquanto estava em um estabelecimento no centro da cidade, chega o vice-prefeito. Ele encosta no balcão e fica ouvindo eu fazer minha encomenda. De repente diz:

“Ah! Então a senhora é a Doutora Matilde? Fazia um tempão que eu queria conhecê-la”.

O balconista, curioso, com cara de quem vê gato entalado, indagou: “Por quê?”

O vice-prefeito estufa o peito, para superar a barriga, e sem fazer vênica, responde:

“Ora... Pois me disseram que a senhora Dona Matilde era uma onça! Eu tinha curiosidade de saber se era uma onça de braba ou era uma onça de feia. Agora, comprovei que deve ser muito brava mesmo. Porque feia não é.”

Fiquei inchada como o sapo cururu, ser chamada de brava era um grande elogio. Quando o assunto era meio ambiente, estava sempre pronta para uma fala de alerta onde a quisessem ouvir, inclusive no programa da rádio que começava às 5 da matina, na TV, na Câmara Municipal, no trio elétrico ou na igreja.

Pouco tempo depois daquele estranho encontro no centro da cidade, uma professora pediu à Dona Onça para falar sobre meio ambiente na escola para alunos do 4º ano.

E lá chegou a onça pintada e iniciou sua fala no estilo de sempre, sem meias verdades e com muito embasamento científico.

Assim, rugindo baixo, e talvez possuída pelo espírito de Gaia, a onça falou do efeito estufa, do aquecimento global, do buraco da camada de ozônio, do processo de desertificação e de outros tantos assuntos. Para terminar, alertou sobre como isso afetava a biodiversidade e a vida de quem morava no planeta Terra. Serviço completo, tudo falado e desenhado no quadro para não haver falha na compreensão.

Interiormente satisfeita, ela se vira em direção às presas, quer dizer, às crianças, disposta a responder quaisquer dúvidas. Foi nessa hora que a onça perdeu as pintas de susto.

Os alunos a fitavam de olhos abertos, estarrecidos. Um deles, que parecia prestes a chorar, perguntou: “Tia... E agora? O que a gente faz?”

Na cabeça da onça, a realidade explodia: o peso das palavras, o terror que imobiliza e a pergunta que dava voltas em seus neurônios, em tom de denúncia: “Olha o que você fez! Olha o que você fez!”

Em meio às vozes da cabeça, o coração rezava “Oh, Deus das matas, dos rios, do semiárido e dos humanos, Criador da existência, me ajude! Socorro!”

Como um raio que chega do além, veio à memória da onça-já-sem-pintas a fábula do beija-flor que tentava apagar o fogo da floresta carregando água no bico.

Ela suspira, e com ela suspiram todas as crianças. Afinal, estavam se olhando, olhos nos olhos. Conectados. “Vou contar para vocês a história de um passarinho que conseguiu apagar um incêndio na floresta.” Disse a onça, meio aérea, ainda envolvida em forte emoção.

As crianças nem piscavam. A professora esperava em pausa. E a contadora da história ia se transformando no meio de sua narrativa.

Dona onça-já-sem-pintas-e-aos-poucos-mudando-de-cor, identificava-se com o sofrimento das árvores da floresta vendo os filhotes sendo queimados em seus ninhos, sem que nada pudesse fazer. Também se reconhecia no sofrimento do beija-flor frente ao deboche e às críticas daqueles animais que ainda não compreendiam a gravidade do momento.

A emoção da história foi transformando o ambiente e as pessoas ali presentes.

Naquele momento, a onça e as crianças se transformavam e se reconheciam como beija-flores. Construíram acordos e contratos sobre a parte que cabia a cada um na regeneração do planeta, confirmados e carimbados pelas batidas do coração. Quem estava junto conta que se viu uma grande revoada de beija-flores.

# Cômico, se não fosse trágico

Anderson de Paula Guizolfe, Divisão Técnico Ambiental - RO

Não fazia nem uma semana que eu havia entrado em exercício no Ibama, mas todos já haviam escutado sobre o meu desejo de atuar nas ações em campo do Instituto. Quanto mais ar puro, melhor.

De recepção, veio o convite: “Quer ir com a gente resgatar uns Jabutis?”

“Bora! Meu nome é pronto!” Respondi para quem me chamava ainda caminhando em minha direção, sem ver direito, mas reconhecendo a voz do Carioca, agente ambiental federal (AAF) da Superintendência do Ibama em Rondônia (Supes/RO).

Caixas de transporte separadas, carregamos a viatura e aproveitei para ir falando com Bicudo, também membro da equipe, enquanto o Carioca chamava mais um companheiro, o Garotinho, também AAF, para colaborar.

A caminho do local, as informações eram o endereço e uma quantidade incerta de jabutis e, chegando lá, demos de cara na porta. A solicitante era quem estava com os animais, contudo, estava ausente fazendo exames, pois tinha sofrido um acidente e fraturado a perna, e a casa estava vazia. Lembro de ter ligado do meu aparelho particular para ela, sem sucesso.

Após o almoço, ela retornou a chamada e, quando me identifiquei falando que tínhamos ido para resgatar os animais, ela já disparou: “Mas não vou levar uma multa não, né?!” expliquei que, como era voluntariamente, não.

Partimos novamente rumo ao endereço, e ela já nos recebeu aos prantos, chorando e enfatizando que os “bichinhos” eram do marido – que tinha morrido, e que ela não estava mais conseguindo cuidar dos animais por estar doente.

Eram 10 animais... um com 30 anos já de quintal, outros com idades e tamanhos diversos. “Eles estão esparramados por aí, vocês vão ter que achar...” Repetia a senhora, enquanto falava que era difícil cuidar de todos com a morte do marido, que um animal era meio cego, que outro não estava andando muito bem, e tinha até jabuti “importado” que veio de Sena Madureira no Acre, para Porto Velho/RO.

Bicudo agachava aqui e ali, com a minha ajuda, pegando os animais e os colocando num local só, enquanto Garotinho auxiliava e Carioca obtinha informações e dados para o registro da atividade.

Para mim, era um momento marcante. Integrar um dos tantos momentos que vi nas redes sociais - retirar animais silvestres do cativeiro onde nem deveriam estar, para avaliação e soltura.

Animais reunidos, carregamos todos enquanto escutávamos da senhora recomendações sobre comida, remédio e sobre não soltá-los em lugares onde eles poderiam ser capturados para consumo. Na minha cabeça, eu tentava entender se havia realmente esse sentimento dela/nela, mas eu só conseguia pensar no espaço pequeno, nas condições precárias e na liberdade que chegava enfim para os animais.

Entramos na viatura e, mal dando a partida, vem o Carioca: “Vocês não vão acredi-

tar... A senhora aí pediu para fazer a entrega voluntária dos animais que eram do marido, né?! Porque ele morreu e ela sofreu o acidente”.

Não aguentei e interrompi ele: “Colocar a culpa no defunto é fácil, mas ela tem essa culpa com ela também”.

Ele deu a risadinha característica do povo do Rio e falou: “Enquanto vocês carregavam, eu fui registrar e dar as condolências pela perda do marido, e perguntei quantos meses fazia do falecimento. Ela me olhou nos olhos e falou: -Aaahhh ele morreu já faz 26 anos”.

“O quê? Já fazem 26 anos?” – falei com cara de incrédulo. E o Bicudo disparou: “Tu é novo ainda, vai ver de tudo”. Poderia ter sido só cômico, mas no fim era muito trágico. Passamos uma semana rindo dos “26 anos” e seguimos na missão.

# Surucucu, pai de tartarugas e uma jornalista no fogo

Daiane Cortes Cazarré, Assessoria de Comunicação Social

As histórias podem chegar pela leitura, pela contação e pelo observar. No meu caso, elas chegam do observar. Em menos de um ano no Ibama, as histórias que vivi superaram as que juntei ao longo da minha profissão de jornalista, e olha que foram anos à frente das câmeras. Por quê? Talvez pela dedicação dos servidores, pelo amor a uma causa ou pelo suor ao vencer os imprevistos e os obstáculos.

Aqui, vou repassar, não cronologicamente, as histórias que ficaram registradas na memória, mas as que me encantaram pelo sentido humano mais nobre, o da doação.

## Surucucu-pico-de-jaca

Em 2023, o Amazonas registrou o pior outubro de queimadas dos últimos 25 anos. Manaus ficou encoberta pela fumaça que vinha das cidades ao redor, como Autazes e Careiro. Brigadistas do Prevfogo de várias regiões do país foram deslocados para o combate às chamas. O trabalho era intenso, o calor se somava à seca que atingia a região. O céu era cinza, o rio escasso e a população estava em desolação.

Em meio a esse cenário, no final de uma tarde de trabalho, um pedido de socorro chegou à equipe que se encontrava em operação: salvar um trabalhador que havia sido picado por uma cobra da espécie surucucu na Floresta Amazônica. Dois brigadistas do Prevfogo se prontificaram a levar o soro antiofídico ao trabalhador, que há mais de 48 horas havia sofrido o ataque da cobra. Além de serem brigadistas, eram técnicos em enfermagem. Os dois organizaram água, comida, remédio, facões e outros apetrechos, e se embrenharam mata adentro com outros moradores da cidade. Caminharam por 17 km cortando galhos, enfrentando as adversidades de uma floresta. A passos largos, lutavam contra o tempo para salvar aquele trabalhador. Ao chegar, encontraram a vítima da cobra deitada na floresta com muita dor, fome e sede. Imediatamente, o soro para combater o veneno da cobra foi aplicado ali mesmo, na floresta. O grupo não conseguiu voltar para a cidade, pois já era noite. Tiveram de dormir na floresta e pela manhã, bem cedinho, improvisaram uma rede e colocaram o seu paciente nela.

A volta não foi fácil, o grupo se revezava para trazer o doente em uma maca improvisada cortando a floresta. Após longa caminhada de 34 km (ida e volta), finalmente chegaram à cidade. O trabalhador foi salvo e os brigadistas mostraram ao mundo que o Prevfogo salva florestas e também vidas. A dupla deu entrevista para programas de TV em rede nacional e saiu

nos jornais até do exterior.

Ah, uma informação importante: a cobra que picou o trabalhador é uma surucucu-pico-de-jaca, considerada pelo Instituto Butantan como a maior serpente peçonhenta das Américas. Outra curiosidade: um dos brigadistas, enquanto corria para salvar a vítima, também foi atacado por uma cobra, mas o bote atingiu apenas o cano alto da botina que calçava.

## Família PQA

No início do mês de abril de 2024, tive a oportunidade de conhecer, de tocar, com as mãos e com a alma, em tartarugas do Programa Quelônios da Amazônia (PQA). Até então, só me emocionava com o trabalho por meio de fotos e vídeos que chegavam à Ascom.

A primeira vez que peguei a “cria” do PQA foi na região do Arquipélago dos Camaleões, no Pará. Nessa região, mora uma pessoa que podemos chamar de “pai” das tartarugas da Amazônia. O “pai das tartarugas”, é um ribeirinho, que há 38 anos cuida da preservação desses pequenos quelônios. Ele, a esposa e os quatro filhos fazem da sua casa de palafita o berçário de milhares de tartarugas todos os anos. Há quase quatro décadas, ele se dedica a esse trabalho. Eu e a equipe do PQA de Brasília e do Amapá (pois apesar de estarmos no Pará, a responsabilidade pela soltura é do Ibama/Amapá) ficamos hospedados na casa dessa família antes de as quase 18 mil tartaruguinhas serem soltas com a participação dos moradores da região para mostrar a importância da preservação (outros 170 mil quelônios da programação de solturas já tinham ganhado a liberdade).

Ficamos dois dias na casa e, sentada no chão de madeira, tendo nos pés o rio Amazonas e ao fundo a trilha sonora do canto de aves inquietantes que anunciavam o início do dia, entrevistei esse homem ribeirinho, que traz em sua simplicidade a maior riqueza, o respeito à vida. Confesso que não contive o nó na garganta frente ao seu depoimento.

Tímido nas palavras, ele foi criando confiança ao longo da conversa entre um gole e outro de café. Contou que, no início, desse trabalho era motivo de chacota dos moradores da região, afinal, a tartaruga não era vista na época como uma espécie para se preservar. Não foi fácil enfrentar o costume gastronômico e comercial das tartarugas. Perguntei se ele se sentia o “pai” de milhares de filhotes nesses anos todos. Sorriu e me disse que o verdadeiro pai e mãe é a natureza, e não ele. Que ele seria apenas o instrumento que daria uma melhor oportunidade de sobrevivência a todas elas. E que sabia que, no curso normal da natureza, poucas delas chegariam à fase adulta. Aí, na minha ignorância, perguntei: “por quê?” Ele, com olhar paternal, me disse: “é o curso natural da vida, é a cadeia alimentar da natureza”. Não me contive, perguntei se isso não doía nele. Sorriu (e deve ter me achado boba) e disse: “todos nós temos nossa missão aqui, até as tartarugas; umas irão crescer e multiplicar, já outras darão chance de outras espécies crescerem e multiplicarem também. Esse é o sentido da vida!”

Falar o quê depois desse ensinamento?



# Foto premiada

Transpantaneira, novembro de 2023. Na estrada de terra, viaturas do Prevfogo/Ibama seguiam para se juntar a outras equipes que já atuavam nos incêndios que atingiam os estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Era a minha primeira vez na região e tudo era muito novo e fascinante, apesar do cenário devastador das chamas. Ainda na estrada, eu não acreditava no que via: centenas (para não dizer milhares) de jacarés disputando o fino córrego com água barrenta. Muitos pareciam pedras cobertas de lama, a única coisa viva ali eram os olhos brilhantes das criaturas com ar pré-histórico. Os urubus, ao redor, esperando o banquete que não demoraria muito. Esse foi o primeiro choque!

Ficamos acomodados em pousadas vazias de turistas, mas cheias de brigadistas, bombeiros e voluntários para combater a onda de incêndios florestais. Ao chegar, o segundo choque: as chamas estavam a poucos metros do local onde iríamos dormir. Peguei a minha câmera e fui correndo registrar a cena, que mais parecia um filme apocalíptico. Entrei com o espírito de jornalista e a inconsequência de quem não conhece o perigo da mudança de vento em um momento como esse. Hipnotizada, fui caminhando e registrando aqueles homens e mulheres que trabalhavam arduamente para abafar e apagar as chamas.

De repente, senti a garganta fechar, os olhos arderem e a luz se apagar. Sim, a principiante foi pega pelas costas pela fumaça dos incêndios, como uma fera que espera a presa passar para dar o bote. Não sei dizer o tempo, mas quando o ar já não vinha mais, senti uma mão me puxar. O servidor do Prevfogo, atento, percebeu a situação e, num solavanco, puxou meu braço e me arrastou para fora da fumaça. Moral da história: não subestime a fumaça, ela pode ser pior que o fogo.

Para agradecer ao amigo salvador, registrei uma foto dele que poderia ser capa de revista (não pelo modelo, mas pela cena). O registro foi feito no momento em que ele levantava o drone à noite para verificar os incêndios.

Vou contar só para vocês um segredo: na verdade, eu quase obriguei esse servidor a me levar com a equipe que fazia o monitoramento do fogo durante o turno da noite. A equipe não queria me levar, afinal, eu já tinha dado trabalho demais naquele dia. Mas, como jornalista não consegue ouvir não, a minha insistência prevaleceu. Acompanhei as equipes do Prevfogo e do ICMBio que se revezavam no combate.

O servidor do Ibama, vestido com a gandola, trazia na cabeça uma faixa que segurava uma pequena e potente lanterna na testa. Ele pegou a caixa do drone e o colocou para trabalhar. No fundo, uma grande linha de fogo em meio ao céu negro; em frente, o condutor do drone subindo o artefato (que também tinha luzes, como um pequeno disco voador). Imediatamente lembrei do filme de infância Contatos Imediatos. Saquei o celular do bolso e fui disparando o dedo sem saber o que viria. Resumindo: aquele drone levantando, com o facho de luz que saía da cabeça do seu condutor e o fogo em meio ao breu, viraram uma foto digna de premiação. E foi o que aconteceu. Ela foi premiada como melhor foto no concurso de fotografias em homenagem aos 35 anos do Ibama. Valeu a minha insistência!

Fico imaginando quantas histórias os servidores desse Instituto, tão cheio de respon-

sabilidades, carregam em cada labuta. Aposto que nenhum jornalista teria tantos relatos para contar.

# O ator principal

Cristina Isis Buck Silva, Núcleo de Biodiversidade e Florestas - AM

As situações cotidianas de trabalho no Ibama muitas vezes são inusitadas e até cômicas. Por mais que a gente adquira conhecimentos e experiência, sempre alguma situação nos encontra despreparados. Essa história aconteceu no Núcleo de Fiscalização da Fauna (Nubio) do Amazonas.

O cidadão chegou na sala e se identificou como ator e disse que estava trabalhando na produção de um espetáculo teatral. Ele foi consultar o Ibama porque sabia que o Instituto fiscalizava o defeso de alguns peixes.

Muito educado, ele foi explicando a proposta do espetáculo e, em um momento, como que receoso, perguntou: “Posso usar o bodó na apresentação?” Bodó, para quem não conhece, é um bagre que possui aspecto cascudo e é até feio para alguns, mas é bem apreciado na região para ser consumido na caldeirada.

Eu não lembro da proposta, mas o bodó merecia atuar em um espetáculo que falasse sobre os injustiçados por sua aparência, ou sobre as pessoas que quando amam o feio, bonito lhes parece.

A informação precisou de certo processamento: esse peixe não está no defeso, então não tem nenhuma proteção específica, mas a ação de usar o peixe em uma apresentação pode configurar maus-tratos.

O rapaz, diante do meu silêncio, acrescentou: “O bodó estará morto em cena”.  
E a história se enrolou mais ainda.

# Naufrágio na ida e voo clandestino na volta

Govinda Terra, Diretoria de Proteção Ambiental

O ano era 2010. Partimos de voadeira de Sena Madureira, no Acre, rumo a Manoel Urbano para fiscalizar lagos manejados por comunitários. Um acordo de pesca proibia o uso de redes e havia pressão para fiscalização do Ibama contra invasores que prejudicavam o manejo do pirarucu.

Na voadeira, íamos eu, recém-formado agente ambiental federal, sem uniforme nem arma, e José Diniz, fiscal experiente. Tínhamos um colete com o brasão da república e formulários de fiscalização ambiental.

O rio Purus estava tão cheio que, muitas vezes, não se via o barranco. A viagem deveria durar de cinco a seis horas, com programação de fiscalizar três lagos no dia seguinte e retornar no terceiro. A estrada entre os municípios estava interdita pela chuva. Subíamos o Purus contra a correnteza forte, desviando de troncos que desciam na direção contrária. Por volta das três da tarde, passávamos pelo Lago do Silêncio quando o motor deu um pipoco e parou de funcionar. A voadeira ficou à deriva até que conseguimos amarrá-la na vegetação à margem.

Duas horas depois, um ribeirinho apareceu descendo o rio com uma canoa. Gritamos e o homem fez uma manobra engenhosa para cruzar aquele riozão com o remo. Ele sorriu para nós com aquela cara de sábio, como quem diz a si mesmo: “os homi tão no prego”. Saiu para buscar ajuda e voltou com um rebocador.

Dormimos na casa do ribeirinho e, no dia seguinte, seguimos com uma balsa empurrada pelo rebocador. O barqueiro conseguiu usar o celular em uma escola e pediu ajuda à prefeitura de Manoel Urbano, que mandou uma voadeira com um motor reserva. Trocamos o motor, mas o novo também pipocou e pifou. Seguimos com a voadeira da prefeitura puxando a do Ibama. A viagem de seis horas tinha virado dois dias.

O secretário de agricultura do município, ao saber que tínhamos que descer o rio de volta para casa no dia seguinte, conseguiu um avião para o nosso retorno, viabilizando a realização da fiscalização no dia seguinte

No início da fiscalização, encontramos dois pescadores fechando a boca do lago com uma malhadeira. Um dos infratores era irmão do ribeirinho que nos hospedou. O colega fiscal de longo tempo avaliou bem a situação, viu que a infração era de menos de mil reais e lavrou um auto de advertência para ele. Nos outros dois lagos, não havia pescadores.

Retornamos para a cidade e fomos avisados que o avião da volta ficou para o dia seguinte. Amanheceu chovendo bastante e o voo, que era cedo, foi adiado para depois do meio-dia. Somente às duas da tarde, apareceu a aeronave. O monomotor decolou com dificuldade, fez uma curva baixa sobre o rio Purus e seguiu alinhado à BR 364 rumo a Sena Madureira. No painel do avião, nenhum instrumento funcionava. O piloto, que se apresentou como Cabeção, exalava um forte cheiro de cachaça.

Ao chegar a Sena Madureira, o piloto ligou para alguém, pedindo que tirasse os bois da pista de pouso. Não dava para ver a pista enquanto o avião baixava perigosamente com a

chuva caindo. Depois de tirar uma fina de um buritizal, avistamos a pista clandestina, barrenta e com alguns buracos preenchidos com brita. O avião pousou com um solavanco e o piloto fez um cavalo de pau na metade da pista.

Olhei para o Zé Diniz. Ele, que tinha a pele escura, estava meio cinza e ainda tentava prender o cinto de segurança na fivela quebrada. Ao descer, ele me confessou que morria de medo de avião.

Chegamos sãos e salvos, e essa história não consta completa no relatório de viagem. Apenas inserimos a justificativa do acréscimo de um dia na programação.

Se você chegou até o fim dessa história e quer ver os vídeos do avião, acesse os links abaixo:

[Decolagem em Manoel Urbano](#)

[Pouso em Sena Madureira](#)

# Éramos iguais

Roser Keiti Matsubara, Unidade Técnica em Vilhena - RO

As mãos estavam calejadas em função do árduo trabalho no campo.  
Os pés marcados pela cor escura de quem já andou muito sobre a terra.  
As roupas simples, desbotadas e desalinhadas, num corpo que já parecia frágil e pequeno.  
A pele rígida em um rosto muito magro, que fazia ressaltar um nariz grande e alongado.  
Os olhos brilhavam, umedecidos por um misto de cansaço e serenidade, o cabelo era grisalho, embora a aparência não demonstrasse uma idade tão avançada.  
“O senhor sabe ler?”, perguntei.  
Ele balançou a cabeça negativamente.  
“Só sei escrever meu nome”.  
Olhei pela janela do casebre, lá fora, distante, vi fumaça e cinzas.  
Pequenas chamas de fogo ainda ardiavam em troncos caídos.  
O sol coberto por uma poeira branca.  
Não havia mais o verde das matas.  
A terra era só pó e silêncio.

É rápido.

A gente nem percebe.

Mas, num flash de lembranças, retornando aos dias que já vivi, lembrei-me das horas debruçado sobre cadernos e livros.

A família dizendo-me que o estudo mudaria meus caminhos.

Os anos de solidão, longe de casa, sem saber qual o futuro a vida me reservava, mas acreditando dia após dia, com fé e esperança, que o sol para mim também iria brilhar.

“O senhor precisa assinar aqui.” Eu falei apontando a linha no papel.

Ele pegou a caneta com leveza, ajeitou cuidadosamente entre os dedos.

Com a mão trêmula, letra por letra, com uma força além da necessária, quase rasgando o papel, foi desenhando o seu nome.

Pareceu uma eternidade, escrever nome e sobrenome apenas.

Mas, para ele, com um suave sorriso, foi uma vitória.

Expliquei-lhe que a mim não caberia julgá-lo ou condená-lo.

Apenas fazer o meu papel.

Então, repassei para ele conceitos sobre leis e crimes ambientais.

Ele pendeu a cabeça, envergonhado, mas compreendeu.

Peguei em sua mão, despedindo-me, mais uma vez, sentindo uma vida inteira de trabalho braçal, a luta de um homem contra as forças da natureza.

Desejei, sinceramente, que a vida dele se resolvesse em breve e não piorasse ainda mais.  
Ele também me desejou o bem.

Antes de cruzar a porta, ele se virou e falou:

“Fiquem com Deus”.

Nesse instante, olhando olho no olho, senti que apesar de lados opostos, eu e ele tínhamos nossas batalhas internas, tínhamos semelhanças.

Éramos humanos.

Éramos pessoas.

Éramos iguais.





Este livro é um convite a desbravar a realidade vivida pelos servidores do Ibama em suas missões e operações. Aqui, você encontrará relatos que transcendem a imaginação, retratando a beleza e os desafios do trabalho de quem se dedica, dia após dia, à proteção do meio ambiente.

Das estradas desafiadoras como a Transamazônica às pontes improvisadas, passando por picadas de cobra, incêndios florestais e rios infestados de piranhas e jacarés, os capítulos deste livro revelam um Brasil profundo, onde a luta pela preservação é constante. Em cada página, você será transportado para helicópteros sobrevoando a floresta, acampamentos em meio à selva, cozinhas improvisadas e pistas de pouso clandestinas.

Essas histórias, ora emocionantes, ora inusitadas, são narrativas de coragem e dedicação. Elas destacam a bravura dos servidores que, mesmo diante dos maiores desafios e perdas, continuam firmes em sua missão. São relatos que também celebram a colaboração com outros personagens dessa luta. Personagens estes que estão fora dos muros do Ibama, mas unidos no mesmo propósito - a nobre tarefa de proteger nossa rica biodiversidade.

Ao longo dessas páginas, o leitor encontrará não apenas o registro de operações de fiscalização e combate, mas, também, uma profunda reflexão sobre a humanidade, o compromisso e a resiliência dos verdadeiros guardiões do meio ambiente. Prepare-se para se emocionar, sorrir e, acima de tudo, se inspirar com os exemplos de dedicação que fazem parte dos 35 anos de história do Ibama.

Ascom Ibama 2024

